

**DECOMTEC**

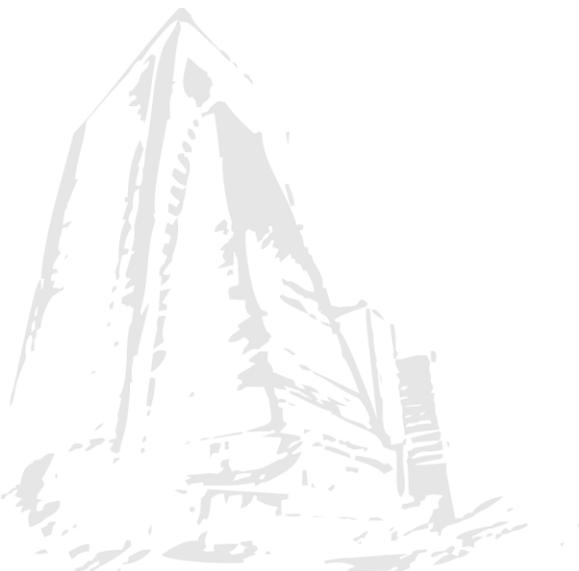
Departamento de Competitividade e Tecnologia

**ÍNDICE FIESP DE COMPETITIVIDADE DAS NAÇÕES  
E OS FATORES-CHAVE PARA O BRASIL AVANÇAR  
EM COMPETITIVIDADE  
IC-FIESP 2014**

***José Ricardo Roriz Coelho***

**PARTE IV**

Novembro de 2014



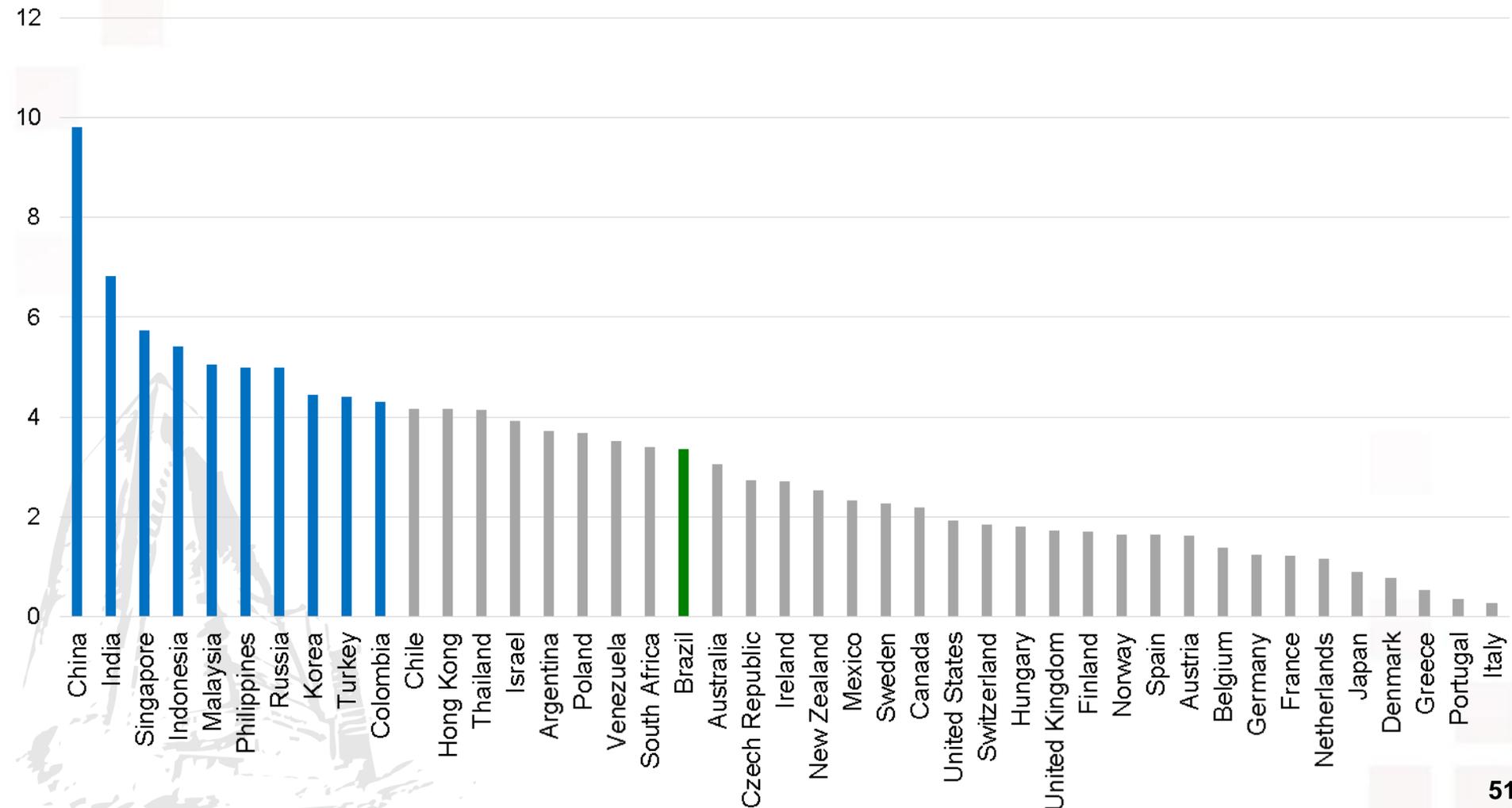
V. COMPARAÇÃO ENTRE O AMBIENTE  
ECONÔMICO DO BRASIL E DOS DEZ  
PAÍSES DO IC QUE MAIS CRESCERAM  
EM PIB ENTRE 2000 E 2013

---



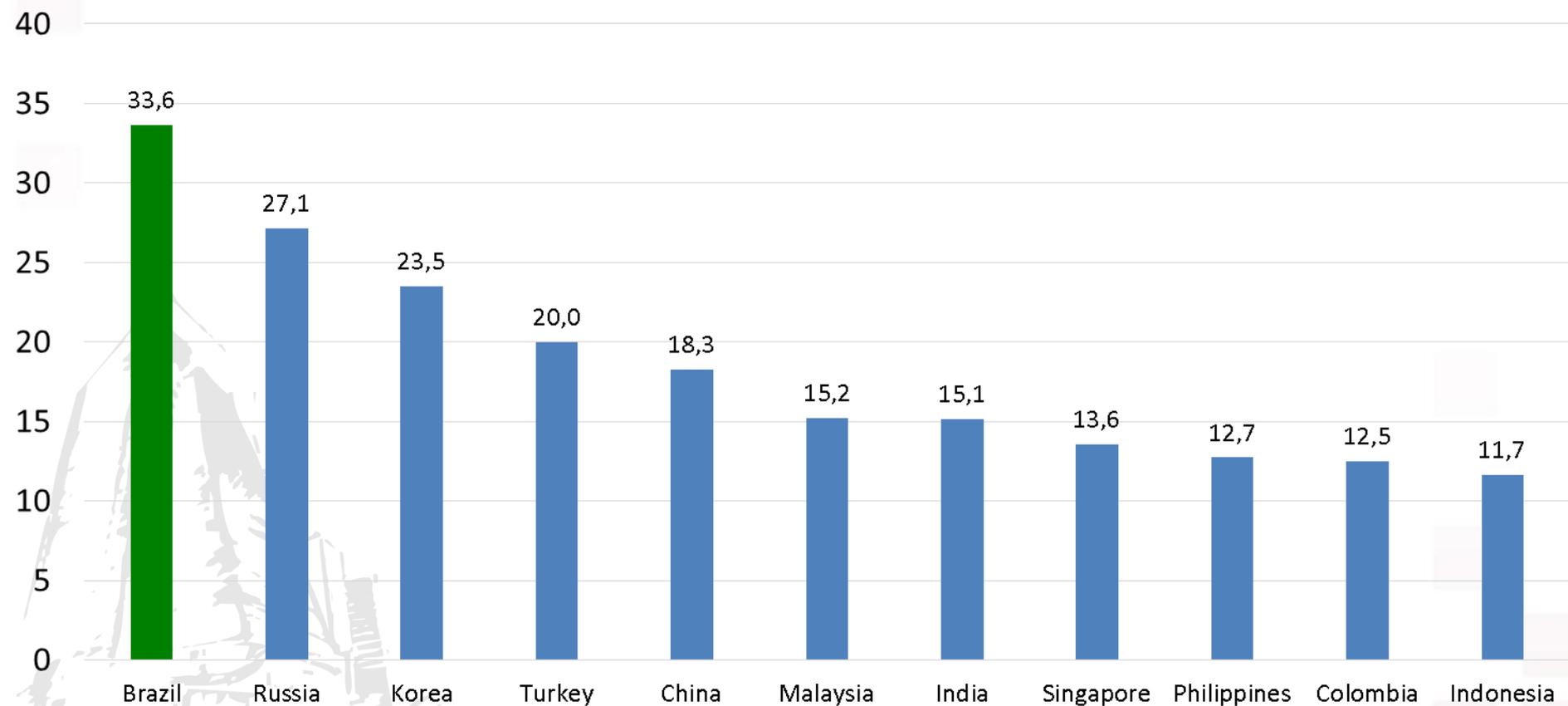
Comparamos o ambiente econômico brasileiro com os dez países de maior crescimento médio do PIB entre 2000 e 2013: China (10%), Índia (7%), Singapura (6%), Indonésia (5,5%), Malásia, Filipinas e Rússia (5%), Coreia do Sul e Turquia (4,4%), e Colômbia (4,3%). O Brasil cresceu 3,4% no período.

## Crescimento PIB Real (média entre 2000 e 2013) - 43 países do IC



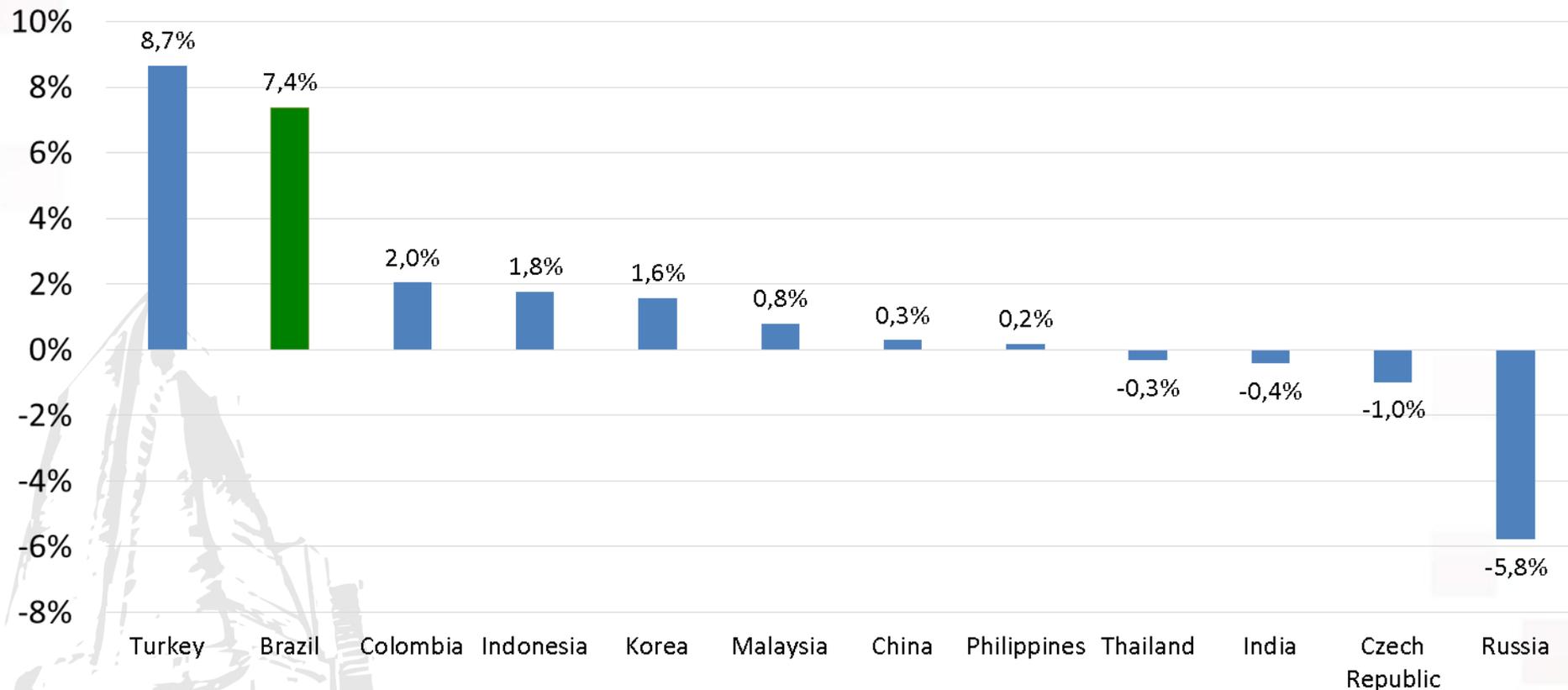
A carga tributária média do Brasil entre 2000 e 2013 foi de 33,6% do PIB, enquanto nos dez países que mais cresceram a carga tributária média no período foi de menos de 27,2% do PIB.

## Carga Tributária (% PIB) 2000 a 2013



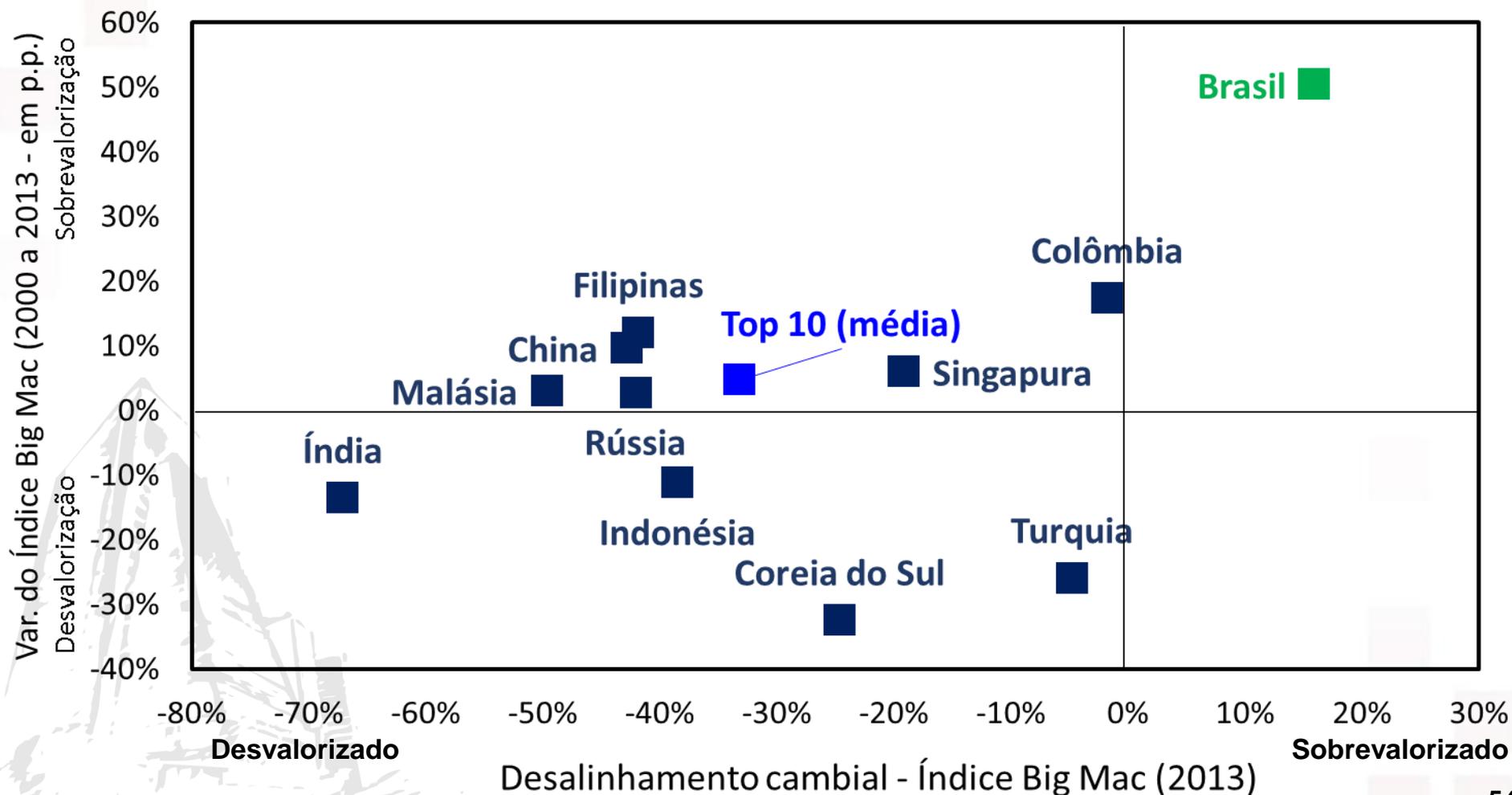
A taxa real média ao depositante no Brasil foi de 7,4% ao ano entre 2000 e 2013, perdeu apenas da Turquia no período.

## Juros Reais de Depósitos (% ao ano) Média 2000 a 2013



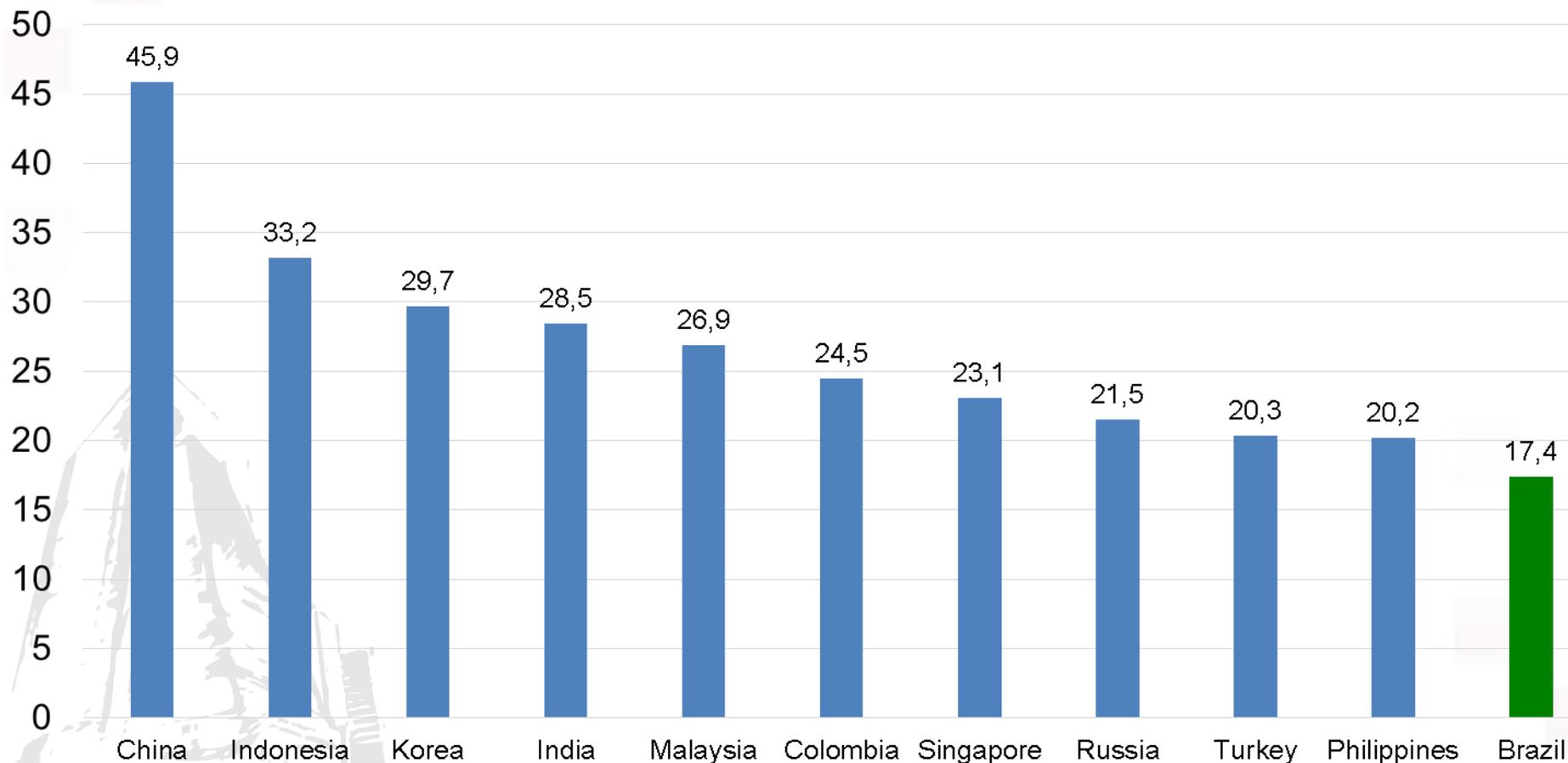
Em comparação com os TOP 10, o Brasil teve a maior valorização cambial desde 2000. Além disso, sua moeda é a mais valorizada atualmente. A maior parte dos TOP-10 teve alguma valorização desde 2000, no entanto, ainda têm moeda desvalorizada.

### Desalinhamento cambial (Índice Big Mac)



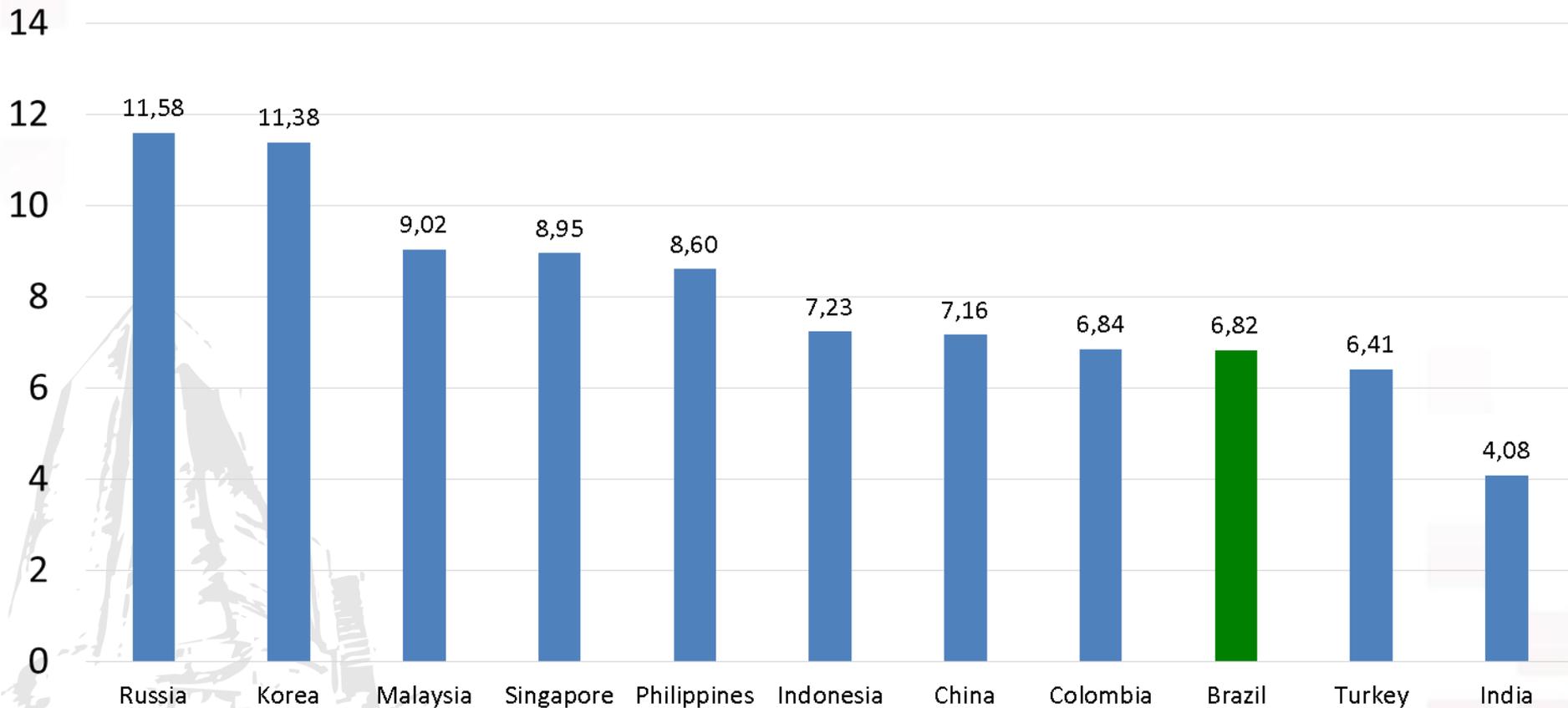
Todos os 10 países que mais cresceram entre 2000 e 2013 investiram mais do que 20% do PIB na média do período, enquanto o investimento brasileiro foi de 17,4% do PIB.

## Formação Bruta de Capital Fixo (% PIB) 2000 a 2013

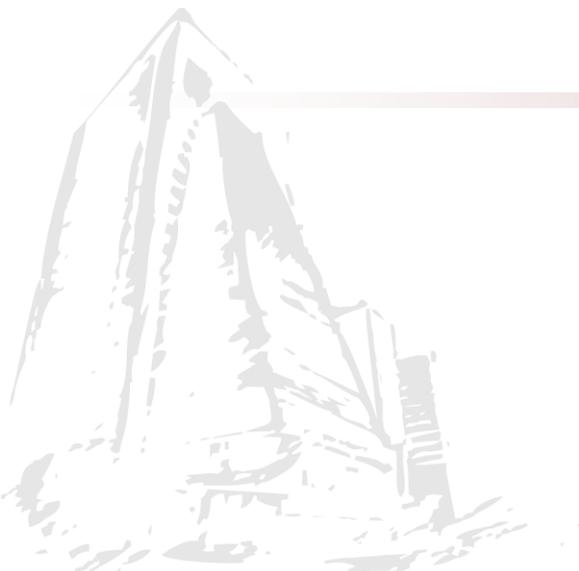


**Temos a terceira pior média de escolaridade entre os oito países analisados, só perdemos para a Índia e a Turquia.**

## Escolaridade (média de anos) 2000 a 2013



# CONSIDERAÇÕES FINAIS



## Considerações finais

- ❑ O IC-FIESP sintetiza, em um só ranking, a posição competitiva das principais economias do mundo.
- ❑ Os resultados de 2013 demonstraram, novamente, que as nações mais bem colocadas:
  - ❑ Realizam esforços significativos para conservação, ampliação e modernização das infraestruturas, dos serviços públicos básicos e dos aspectos legais e regulatórios, que influenciam significativamente o ambiente de negócios.
  - ❑ Prezam por um ambiente macroeconômico que proporciona previsibilidade e atratividade do investimento de longo prazo e da produção.
- ❑ Quanto às nações que galgaram mais posições no ranking, os indicadores relacionados à política econômica são, de modo geral, muito bons, como indicado na seção anterior do trabalho.
- ❑ Já o Brasil se destaca negativamente nesses dois grupos de fatores, com raras exceções. Isso explica seu desempenho no IC-FIESP, aquém dos países destacados.

## Considerações finais

- ❑ Refletindo a importante contribuição da indústria de transformação no processo de desenvolvimento da maior parte dos países socioeconomicamente bem sucedidos (exceção feita à alguns com pequena extensão territorial ou população, e grande abundância de recursos naturais), a competitividade industrial tem relação significativa com o desempenho no IC – FIESP.
- ❑ Por exemplo, dentre os cinco principais determinantes do desempenho dos três países que mais avançaram no IC-FIESP entre 2000 e 2013 (China, que ganhou 11 posições, Coreia do Sul, que ganhou 10, e Singapura, que ganhou 7), quatro expressam diretamente alto nível de competitividade industrial:
  - ❑ Aumento no investimento
  - ❑ Aumento na produção de patentes
  - ❑ Aumento na produtividade da indústria
  - ❑ Aumento no gasto em P&D
- ❑ Não é por acaso que a taxa de câmbio desses países é desvalorizada, isto é, favorece o investimento e a competitividade da produção doméstica, diferentemente do ocorrido no Brasil.
- ❑ O mesmo se aplica às demais variáveis relevantes da macroeconomia, em especial a carga tributária e taxa de juros.

# Considerações finais

- ❑ Por sua vez, dentre os determinantes da piora de desempenho dos países que perderam mais posições no IC-FIESP entre 2000 e 2013 (Finlândia, que perdeu 10 posições, Japão, que perdeu 8, e Reino Unido, que perdeu 6), quatro entre cinco revelam expressiva deterioração da competitividade industrial:
  - ❑ Saldo comercial de manufaturados
  - ❑ Patentes registradas por residentes
  - ❑ Exportações de Alta Tecnologia
  - ❑ Investimento direto estrangeiro líquido
  - ❑ Taxa de poupança
- ❑ O mesmo se aplica ao ocorrido no IC-FIESP desde o último ano. Os principais ganhadores (Áustria, Singapura, Hungria e Israel) se destacaram em:
  - ❑ Exportações de Alta Tecnologia
  - ❑ Produtividade da economia
  - ❑ Saldo em transações correntes
  - ❑ Formação Bruta de Capital Fixo

## Considerações finais

- ❑ ... Ao passo que os principais perdedores (Noruega, Irlanda, Venezuela e Malásia) se destacaram negativamente em:
  - ❑ Balança comercial
  - ❑ Saldo em transações correntes
  - ❑ Produtividade da economia
  - ❑ Produtividade da indústria
  - ❑ Custo da energia.
- ❑ Situação similar ocorreu com o Brasil, cujo desempenho no IC-FIESP foi ruim se comparado ao dos países com condições similares.
- ❑ Como é sabido, o ambiente competitivo no Brasil não é favorável à produção industrial, em boa medida devido à política macroeconômica, o que pode ser sintetizado no Custo Brasil e sobrevalorização do real, que oneraram o custo de produção da indústria de transformação (IT) brasileira em 34,4% na média entre 2008 e 2013, quando comparado a dos principais países fornecedores.
- ❑ Esses têm sido os principais determinantes para os resultados econômico-financeiros insuficientes do setor, e para o processo de desindustrialização em curso.

## Considerações finais

- ❑ Portanto, os principais desafios da área econômica para o Presidente da República recém eleito residem na eliminação do Custo Brasil e sobrevalorização cambial.
- ❑ Isso é primordial para a retomada do crescimento econômico, aumento do investimento, geração de emprego de qualidade e elevação da renda média no país.

**José Ricardo Roriz Coelho**

[cdecomtec@fiesp.org.br](mailto:cdecomtec@fiesp.org.br)

Vice-Presidente – FIESP

Diretor Titular – Departamento de Competitividade e Tecnologia

**Federação das Indústrias do Estado de São Paulo****PRESIDENTE**

Paulo Skaf

**Departamento de Competitividade e Tecnologia – DECOMTEC****DIRETOR TITULAR**

José Ricardo Roriz Coelho

**DIRETOR TITULAR ADJUNTO**

Pierangelo Rossetti

**DIRETORES**

Almir Daier Abdalla

Cassio Jordão Motta Vecchiatti

Cláudio Grineberg

Cláudio Sidnei Moura

Cristiano Veneri Freitas Miano  
(Representante do CJE)

Denis Perez Martins

Eduardo Berkovitz Ferreira

Eduardo Camillo Pachikoski

Elias Miguel Haddad

Fernando Bueno

Francisco Florindo Sanz Esteban

Jorge Eduardo Suplicy Funaro

Luiz Carlos Tripodo

Manoel Canosa Miguez

Marcelo José Medela

Marco Aurélio Militelli

Mario William Esper

Mauricio Marcondes Dias de Almeida

Olívio Manuel de Souza Ávila

Rafael Cervone Netto

Robert William Velásquez Salvador  
(Representante do CJE)

Ronaldo da Rocha

Tarsis Amoroso

Walter Bartels

**EQUIPE TÉCNICA****Departamento de Competitividade e Tecnologia****GERENTE**

Renato Corona Fernandes

**EQUIPE TÉCNICA**

Adriano Giacomini Morais

Albino Fernando Colantuono

André Kalup Vasconcelos

Célia Regina Murad

Daniele Nogueira Milani

Débora Bellucci Módolo

Egídio Zardo Junior

Érica Marques Mendonça

Fernando Momesso Pelai

Juliana de Souza

Luís Menon José

Luiz Fernando Castelli

Paulo Sergio Pereira da Rocha

Silas Lozano Paz

Vinicius Rena Pereira

**ESTAGIÁRIOS**

Caio de Paiva Garzeri

Gustavo Manzotti Simões

**APOIO**

Maria Cristina Bhering Monteiro Flores

e-mail: [cdecomtec@fiesp.org.br](mailto:cdecomtec@fiesp.org.br)